

em um artigo d
om exclusivida
res industria
ma reflexão pro
is da Venezuela
vai atrasar, ma
América Latin
abalho de tinta
não deem "pri
aça bombardear i
o controle oper
ndial e do FMI.
em atitude n



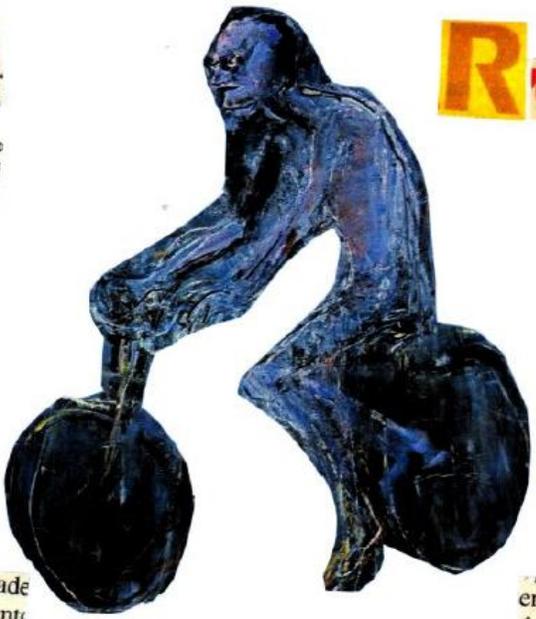
Ed n° 7
agosto/2013



ontrastante com
petróleo e do gás.
refinarias da Pet
ez e Evo Morale
as virulentament
começa a dar o
Nada mais c
Hugo Cháv
co para show
espaço par
e aparece an
semana de tr
bancos que
1 surto: ame
ssos, tomou
ap
sabrochar p
em nome d
que se passa fora das p
s usaram o 1º de Maio co
s frutos prometidos na fo
mreos e distribuição d

arborario como
a esperança.
alzação do I
mar as dias
n oferece
érica Larina
s de petróleo
Banco Mu
Nada mais c
Hugo Cháv
co para show
espaço par
e aparece an

ReviSTA



PeABIRU

Reviste-se

ente edição, é um testem
ômica do governo brasile
s frutos prometidos na fo
mreos e distribuição d

ridade
iment

Bicicleteiros da Fronteira

O pedal é o combustível e a diversidade é o caminho

Por Natali Zamboni e Michele Dacas



Vivenciamos diariamente a diversidade na região trinacional. Em todos os nossos caminhos cotidianos esbarramos no diferente, que de tão distinto e insistente, acaba tornando-se comum e até invisível. Essa vivência do diverso na fronteira se faz abundante nas peculiaridades que, de tão constantes em nosso dia a dia, muitas vezes tornam-se sutis a percepção de nossos olhos e sentidos. Mesmo que a pressa urbana das cidades cause em nós um certo atropelo, a vista, os rostos, os cheiros e os contornos do diverso estão ali, à espreita das vias que nos levam do trabalho às nossas casas.

Com a premissa de pensar a cidade de Foz do Iguaçu, um lugar em que o diverso é constante e também compartilhado com os seus vizinhos não menos surpreendentes, o Paraguai e a Argentina, buscamos as peculiaridades do que está à deriva, aquilo que nos é perceptível quando ressignificamos o nosso andar pelos trajetos que dão forma ao nosso cotidiano.



Nesse entorno da revelação do que está à nossa espreita, conhecemos em Foz do Iguaçu o grupo Bicicleteiros da Fronteira. Uma iniciativa através da qual as pessoas puderam encontrar uma nova forma de ver e viver a cidade. A bicicleta, companheira de muitos, é usada pelo grupo mais como um meio de locomoção barato e sustentável em relação ao meio ambiente. Mas pedalar é também um modo de adquirir conhecimento, de socializar, de sentir e viver cada espaço da região fronteiriça. Como dito por Ceará, um dos integrantes do grupo: “O objetivo dos Bicicleteiros da Fronteira é social. O combustível que move os ciclistas é a vida da Tríplice Fronteira, é o ser humano, as cidades e suas histórias. Queremos sentir e viver as cidades da fronteira por diferentes perspectivas”.

O ciclista enfatiza que a ideia surgiu com o desejo coletivo de um grupo de pessoas da cidade de conhecer a própria cidade. Sair do miolo, dos quadrados e círculos costumeiros. “Percebemos que boa parte da população repete todos os dias o mesmo itinerário, seja para ir ao trabalho, escola, universidade e lazer. Muitas vezes, as pessoas não se permitem conhecer outros caminhos, outras ruas, possibilidades de conhecer outros lugares, outras pessoas em sua própria cidade, o que pode reduzir o conhecimento dos moradores sobre suas realidades.”



Os ciclistas buscam explorar diferentes rotas não só em Foz do Iguaçu, como em toda a região trinacional. Estão mais do que à procura de boas paisagens, possuem o interesse em explorar as possibilidades, as raridades e as diversidades. Vivenciar sob duas rodas e boa companhia o mundo inteiro que os cercam. Ultrapassar e superar as distâncias existentes dentro de sua própria territorialidade.

Quando perguntamos ao Ceará, sobre um momento marcante dos ciclistas da fronteira, ele respondeu que foi quando descobriram que poderiam viajar diariamente ao custo de algumas pedaladas. Para ele “o ato de pedalar pelas periferias das Três Fronteiras possibilita aos participantes um outro olhar sobre a sua própria região. Os passeios não levam aos desafios de velocidade e nem de performances ciclísticas, mas a conhecer ruas, lugares, pessoas, e histórias. Os passeios são culturais e em todas as atividades os membros registram os momentos e narram a experiência posteriormente.”

O grupo pode aproveitar uma mistura de esporte, lazer, cultura, entretenimento e por que não, autoconhecimento. Uma vez que independente dos quilômetros percorridos, as aventuras por novos lugares, sempre os levará a estarem mais próximos de si mesmos. E se as pedaladas são os seus combustíveis, as estradas e diversidade às suas derivas, não lhes faltarão.



"Quando, mudo, inquiriste do espelho, o silêncio das lágrimas de teu reflexo confessou: 'Tudo o que tenho para dizer, escrevo'." (De "O Livro das Afasias".)

De mim para ti, Marco Roberto, este ramalhete de orquídeas: como do redemoinho ao vento; da lágrima à dor; do prazer ao desejo.

"O anjo do Senhor respondeu-lhe: 'Por que me perguntas o nome? Ele é maravilhoso'." (Jz 13, 18.)

Eu ou Conhece-me a Ti Mesmo (Florilégio.)

*Eugênio Passos,
segundo a inspiração da pítionisa de Endor,
que despertava os sonhos.*

Primeira Orquídea ou A Face de Homem: Eu, Filho das Estrelas ou Desde que Tudo Era Um.

"Quanto ao aspecto de seu rosto, tinham todos quatro figura humana..." (Ez 1, 10.)

*Soundtrack original: Song of the Stars, do Dead Can Dance.
[álbum Spiritchaser (1996), faixa 2.]*

Houve um tempo, filho da Frota, em que tudo era um:
A diversidade, um dia, foi a unidade; e o múltiplo, único.
Então nascemos: foi a Grande Explosão. Olha para as estrelas,
Nossas mães e irmãs: delas fomos gerados, delas somos irmãos.

Dirão: "Somos filhos da terra!"; ou: "Da água"; até: "Do ar!";
Mas responderás: "Somos filhos das estrelas! Vimos do céu,
Como a própria terra, a água e o ar! E mesmo o fogo não é,
Senão o brilho das estrelas (fogo de Ístar): combustão do Início.

Filho da Frota, olha para o céu (é noite): apura olhos e ouvidos;
É para ti que dançam as estrelas, e cantam os astros na noite.
Ístar (que é Vésper) é tua mãe, e ama-te, que és filho de irmãos,
Qual os reis (e os deuses): entrega-te, Hórus (não temas), a Ísis.

Ouves o Silêncio? Sentes sua irmã, a Noite? Dá-lhes as mãos:
Eles te levarão ao encontro do Êxtase: tudo o que ele disser,
Isso escreverás. Vai, filho da Frota, não temas: a Escuridão
Guiar-te-á e proteger-te-á da Luz (o Dragão), que a tudo expõe.

Senta-te: deixa-te rodear pelo Silêncio, a Noite e a Escuridão.
Fecha os olhos e olha para baixo, que assim enxergarás acima.
Ouves o próprio corpo? Umas células nascem, outras morrem?
Tu és o universo: em ti, a proporção de todo o drama além de ti.

Agora, filho da Frota, grita! Ecoa, berro, no vagido do universo,
Que repercute à medida que se expande o próprio cosmos.
Escuta, filho da Frota: nunca houve silêncio; sempre, o grito.
Ouve o som de tuas irmãs (e mães), as estrelas, e aprende.

Sentes, filho da Frota, o Vazio Total, a Treva Absoluta?
Abre, então, os olhos: voltaste ao princípio, ao útero primordial.
Sentes, filho da Frota, esse pulsar indistinto, essa força latente?
É o ponto em que todos os pontos se encontram (o Alef): pega.

Essas, que giram a teu redor, são as Graças: é que, nas mãos,
Tens todo o desejo, toda a alegria, todo o prazer, tudo o que faz,
Da Existência, Vida; um passo, e, da Vida, terás a Inteligência;
Mais um, e, da Inteligência, a Cultura. Entendes esse segredo?

Agora, filho da Frota, eis o Círculo (Oroboros, seu nome):
Deixa-te envolver [dele depende mais um segredo (guarda-o)].
A quintessência de tudo é o símbolo: depois da linguagem, há
A glossolalia (a língua dos anjos e dos loucos). Compreendes?

Fecha, filho da Frota, novamente os olhos: é hora de acordar.
Sentes dor? Pesa, em tuas mãos, o Alef? Dá-mo, então, e toma
Estas esferas, estes múltiplos: dá-mo o todo, e toma o vário.
Estás melhor? Então acorda, que já é noite outra vez.

Agora, sabes donde vens e o que és: desde que tudo era um, és;
Vieste do céu (como tudo o que há); e, quanto mais para o chão
Olhas, mais para cima vês (Oroboros, lembras?). Mas não digas
Nada de tudo isso, quando disso inquirirem: escreve, e ouvirão.

Ilustração: Rafael Maier

**Segunda Orquídea ou A Face de Leão:
Eu, Filho das Chuvas ou As Quatro
Horas.**

"... todos quatro tinham uma face de leão pela direita..."

(Ez 1, 10.)

Soundtrack original: Rachel's Song, de Vangelis.
[álbum Blade Runner (1994), faixa 4.]

Vem, que te tornaste uma criança: chove, e és filho das Chuvas.
Corre (que pés pequeninos!): tudo se tornou um rio (tua terra!).
Nas poças (que esparges!), reflete-se o céu (o espelho da terra!).
Alegra-te, que estás entre dois abismos: podes pairar (espírito!).

Vem (que flutuas!), senta-te nesta água em movimento (chuva),
E, sobre estes rios suspensos (babilônicos!), quero que aprendas
Sobre todas as Horas (que são quatro) e entendas (lembres) isto:
Para o equilíbrio, segue a oscilação; para o repouso, o alvoreço.

A primeira Hora é assim: Irene é seu nome, e Paz, o seu dístico.
Sente, no rosto, a calma da chuva; como ela, paciente, te banha:
É Iansã, que descansa a cabeça no colo da filha de Têmis e olha
o mundo, por isso, com bonomia (e os homens, com mansidão).

A segunda Hora é assim: segura uma espada (seu nome é Dice).
Repara: não chove sobre bons e maus? É Dice quem parte. Não
Há água tanto no céu quanto na terra? Dice empunha a balança.
Atenta: estão os raios ponderados? A chuva, equânime? É Dice.

A terceira Hora é assim: tem o segredo de Cronos (a harmonia);
Por isso orchestra os opostos, alterna os contrários. Soa, depois,
O trovão? Brilha, antes, o raio? É Eunomia, que, maestrina, faz
A sinfonia, na Clépsidra, das gotas: ser, e partir; amar, e morrer.

Mas a quarta Hora é Raab, o leão de Nemeia, o caos primordial:
Filha do Acaso e a Contingência, antes do Bem e do Mal, ela é;
Quando não havia o Propósito (e reinava a Ocorrência), nasceu.
(Não havia a Vontade, pois não existia a Vida, só a Existência.)

Por isso a quarta Hora é assim: o dilúvio sem razão (nem juízo),
A enchente sem dó (nem mal). Aterra o trovão? Fulmina o raio?
Não há intento (nem moral): são forças (não fúrias), fenômenos
(Não espíritos), de quando a matéria e a energia não tinham lei.

Lembra-te a oscilação e o equilíbrio, o movimento e o repouso?
Olha, filho das Chuvas, o ciclo das águas: parece-te um círculo?
É a completude dos contrários, a junção dos opostos: o Leviatã,
A serpente que engole o sol, faz renascer, da noite, o dia, sacas?

Assim, filho das Chuvas, a quarta Hora é a Fisis, o eterno devir;
As outras, a Natureza (a Arcádia, o Éden): inspiração da beleza.
Os ventos, porém, não gastam os montes? E são os cataclismos
Que erguem as montanhas? O logos morde o caos (a mandala).

Levanta-te, faze-te adulto: vai-se a Chuva, tua mãe, e o arco-íris
(Prenúncio de sol) é como ela se despede de ti (como um beijo).
Aprendeste a lição das Horas (que são quatro)? As águas sabem
(lembram!), pois não nascem nem morrem: nunca houve outras.

Entendes, mesmo, quem são as Horas? Estás, então, pronto: vai.
Não sabes tudo, mas entendes o todo? És, portanto, sábio: parte.
O Universo já não pode mais propor-te mistérios nem segredos;
Aos homens, contudo, nada digas a respeito: escreve, e ouvirão.

A close-up, artistic illustration of a bull's face. The bull's eye is replaced by a human eye with a white sclera and a black pupil. The bull's fur is rendered in shades of brown and black with fine, textured lines. The background is a soft, pinkish-purple gradient.

**Terceira Orquídea ou A Face de Touro:
Eu, Filho das Orquídeas ou Calado (como as Plantas).**

“... todos quatro, uma face de touro pela esquerda...” (Ez 1, 10.)

Soundtrack original: *Pregão, do Madredeus.*
[álbum *O Espírito da Paz* (1994), faixa 6.]

Deixa-te jogar nos interstícios, filho das Orquídeas: neles brota;
Não te afastes, mas imiscui-te: não te oponhas, e sim conquista.
Não perdoes, e sim ignora: não te vingues, mas avança e segue.
Deixa-te ensinar pelas plantas, filho das Orquídeas: a elas ouve.

Deita-te na relva: entrega-te às folhas e às raízes (torna ao solo).
Decompõe-te no húmus, assemelha-te ao pó: integra-te ao chão.
Já palpitas com a terra? És, agora, um mineral? Aprende, então,
O segredo de Gaia: toda parte é todo; e o todo, somente a parte.

Ouve as plantas: elas são muito antigas; antes de Gaia, elas são.
Elas vieram do Grande Abismo, quando (Gaia nem era nascida)
Ainda reinava o Caos (a Raab): as águas eram muitas (infindas)
Quando as plantas (as primordiais) já pairavam sobre o Tártaro.

Ouve as plantas, escuta-lhes o silêncio: que calam elas sobre ti?
Julgas-te uno? És múltiplo: nunca estiveste só (jamais estarás!),
Pois trazes miríades (infinitesimais!) em ti, por ti, de ti e para ti.
Estás num mundo? És um universo: bilhões existem, pois vives.

Mas sentes, no cabelo, a carícia da brisa? Em verdade é o vento
Na copa das árvores. Não emanas, do corpo, calor? É o magma.
E não te preocupes: não estás com a bexiga cheia; é a maré alta.
Por isso o silêncio das plantas insiste: és parte (ainda que todo).

Agora te levanta da relva, filho das Orquídeas, e vai a um pasto.
Atento, ouve as plantas: as gramíneas calarão o segredo de Om.
Despe-te, cai de rasto (como aquele rei), come a erva do campo:
Aprende que o maná alimenta, sim, mas a folha; e esta, a carne.

Sentes o vigor de teus músculos? Tuas mãos, agora, são cascos?
Baal, então, é teu nome. Rumina: aprenderás ainda um segredo.
Arrojas-te às cercas, e não as derrubas? Sofres laços, agulhões?
Vai, pois, e conhece a El, o Altíssimo (epífito como tuas mães).

Sozinha, no meio do campo, vês uma árvore? Alta, toca no céu?
Froncosa, dá sombra (embaixo) e pouso (em cima)? É frutífera?
Aserá é seu nome: é a Deusa-Árvore. Pasta, junto a ela, Azazel.
Vês um bonde negro? É ele. Vai e pasce a seu lado: aprenderás.

A erva, que ele come, come também: é joio. Olha para a árvore:
Agora a vês? Não. Que é o que há em seu lugar? É uma estrela?
Seis pontas? São El e Aserá: ele olha para cima; ela, para baixo.
El (sábio) é antigo: vem do céu; Aserá (bela), jovem: é da terra.

A estrela tornou-se, outra vez, árvore? Olha para o cume, então:
Flores ornam-lhe a fronde? Decerto, orquídeas, tuas mães, não?
A boa semente caiu, não na terra fértil, mas à beira do caminho;
As aves, que a comeram, a levaram para as alturas, mais férteis.

Assim, deixa-te jogar: se empurrado, puxa; se puxado, empurra.
Encanta, como El; e, como, Aserá, agrada. Sê, como a serpente,
Astuto; e, como a pomba, simples. Não enfrentes, mas envolve.
Entre os homens? Calado (como as plantas): escreve, e ouvirão.

**Quarta Orquídea ou A Face de Águia:
Eu, Filho das Pedras ou No Infinito, como as Retas.**

"... e todos quatro, uma face de águia."

(Ez 1, 10.)

Soundtrack original: Olé, de John Coltrane.

[álbum Olé Coltrane (1961), faixa 1.]

Estás num deserto? Olha em volta: encontrarás um espírito mau
(Da parte do Senhor) que escreve, com o dedo, na areia.

Achaste-o? Ele é Belzebu, o escriba do Livro da Vida. Vai a ele
E aprende sobre o Segredo das Pedras (tuas mães). Ei-lo lá: vai.

Há abutres, águias, condores a sobrevoá-lo? Servem-no (anjos).
Ele escreve na areia? Ele calcula. Cálculos: que são? Pedrinhas.
Que ensinaram tuas mães aos homens? A abstração: dos deuses,
Presente para que se não apague, dos homens, o nome da Terra.

Onde está, filho das Pedras, o Livro, onde se escreve a história?
Debaixo de teus pés. Dá um passo atrás: olha para seus copistas
(O vento, a chuva, o raio e todos os outros). A terra sob teus pés
É uma página do Livro. Toda a Terra é o Livro: nele se escreve.

Aproxima-te: consegues ler o que ele escreve? Deves estar a ler
Que "o que está embaixo é como o que está no alto, e o que está
No alto é como o que está embaixo". Sabes o que é? Geometria,
A medida da Terra, a gramática do Livro, o segredo do infinito.

Ele se levantou? Acompanho-o: ele te levará ao arbusto ardente
(Como aquela sarça), que te ensinará sobre o Livro e o Segredo.
Ele parou? Olha, para além dele, o horizonte: já vês as chamas?
No meio do nada, o arbusto pegando fogo? Ele é El-Xadai. Vai.

A partir deste ponto, vais só. Descalça-te: é o solo, sob teus pés,
Santo, a herança do Senhor das Estepes (El-Xadai, o seu nome).
Achega-te ao arbusto. As chamas ardem, mas não te queimarão.
Tudo o que El-Xadai calar, vê; poderás, então, ouvir o perfume.

Olha, sem piscar, para as chamas até teus olhos se incendiarem.
Já? Agora cerra as pálpebras e aspira o perfume. Sabes o que é?
Sândalo? Não: é cânhamo. Abre os olhos: por acaso, um cabrito
Está preso ao arbusto pelos chifres? Vai, livra-o: ele te ensinará.

Pega-o pela boca e abre-o, de ponta a ponta, como se a um leão.
Olha para o cabrito (que abriste): vês, por acaso, visceras? Não:
É mel. Prova-o, e teus olhos ficarão iluminados. Pronto? Ótimo:
Vai, agora, voa! (Do alto é que se lê o que se escreve embaixo.)

Como te fizeste águia, tens olhos para ouvir a verdade das retas:
Onde está o infinito? Onde se encontram as retas. Simples, não?
O céu e a terra nunca se tocam; mas, no horizonte, não se diria?
É uma abstração: para além da vista, o cálculo (e a imaginação).

Se já sabes onde fica o infinito, podes ver, daí de cima, o Livro.
Sabes as grandes linhas e as formas difusas (a crosta)? É a capa.
As rochas? As páginas. A lava? A tinta. Vês fósseis e vestígios?
São os tipos. A prensa, as placas. Cataclismos? São os gráficos.

O Livro da Vida, quem o publica? A contínua fluidez (o Devir).
Quem o edita? Já sabes: é quem o prefacia com o dedo na areia.
Sua ortografia? A morte. Sua sintaxe? A existência. Assinatura?
O Senhor das Moscas. Agacha-te, como ele: escreve, e ouvirão.

Fim.

Cuando el dolor se expresa como tragedia

Por Jorgelina Tallei

Ilustração: Gilmar Almeida da Silva



La tragedia encierra dolores que no acaban, noches sin dormir, parece que el tiempo se detiene en el preciso momento que el silencio consume la escena.

El **06 de agosto** se imprime en la historia de Rosario, en Argentina, como la marca del silencio, la del derrumbe. El derrumbe también se expresa en el cuerpo. Y las marcas en el cuerpo son las que llevamos siempre, son las marcas que difícilmente se borran, son las del recuerdo y son también las del dolor.

Cuando algo estalla dentro de nuestro cuerpo sentimos que el alma se derrumba, cuando lo que estalla es la vida, sentimos entonces que no tiene sentido ya nada de lo que pensamos del futuro. Una nube de polvo gris cubrió la ciudad del Río Paraná. Una nube de polvo gris anuncia que después y ya nada más que después, la vida ya no será la misma. Las nóminas, los héroes anónimos, las esperas, la esquina, la calle. El silencio que quiere ser susurro para aquellos que esperan.

El dolor es también una marca para los que sentimos desde lejos los ruidos, los silencios, los murmullos. El murmullo es lo rumoroso del lenguaje, la idea de rumoroso también corroe, también lastima. Estar lejos en la tragedia también.

Y el estar lejos en momentos de dolor es también una marca de la distancia y del cuerpo, es una marca del exilio. El exilio ya fue narrado, el exilio también ya fue sentido. El exilio es como su propio origen lo indica, el destierro. El destierro proyecta perspectivas que despliegan los infinitos horizontes del sentido de la historia. Y cuando la historia se transforma en desgracia, cuando la historia es dolor, el grito de los que estamos lejos solo puede expresarse en palabras.

Que la palabra cargue en el murmullo días de esperanzas.





SOMOS A MÍDIA

Premissas de uma comunicação desvirtuada

É costumeiro nas vias do dia a dia ou estradas da rotina procurarmos algo que deforme o trajeto em algo diferente, buscamos distinguir uma árvore, uma parada de ônibus, o velho portão da casa ou um guaieca (cachorro) que cambaleia na rua. Mas, entre os trajetos de Foz do Iguaçu sempre percorridos por mim, existe um muro ou um caminho no meio do muro. A frase que sempre esteve ali diz: "SOMOS A MÍDIA". E eu sempre tento resignificar, desentender e até decifrar a intenção de quem a escreveu..grande engano meu, pois quem disse que existe autoria na pichação?

A pichação não seria por si só anônima, contra-hegemônica, ou escrita pública, publicação de todos ou para todos, somente alguns? Enfim, não cabe aqui definir, são apenas perguntas e maquinações do tédio de quem repete e repete a mesma correria, mas almeja ter um olhar diferente no fim do dia..até reflexão pode virar poesia, por que esse feito, não?

A imagem muralizada e que me acompanha pelo trajeto soa como uma voz que grita do concreto e sai do muro, do lugar de reivindicação e se faz presente para além daquela fala. "SOMOS A MÍDIA" pra mim é hoje essa desconstrução do lugar de quem reivindica e de quem domina, é a convergência dos espaços e dos discursos, é a variedade de interesses compartilhados, ainda bem demarcados sim, mas que nos trazem muitos poréns..e descobrem a velha cobertura que almeja ainda uma opinião formada...enfim essa é uma reflexão continuada no trajeto pela mensagem muralizada, ou pela heterogeneidade que ecoa nos tempos de novas vias.. Convido a quem por ali passe, não a entrar nesta divagação, mas a mirar pelo lado esquerdo, pelo muro de quem vai, a desvirtuar-se pela polifonia daquela pichação...



Por Michele Dacas



Chau Sol...!



Por Renan Xavier

Gracias por provocarnos una lágrima, al pensar que iluminaste también la vida de nuestros abuelos, de nuestros padres y la de todos los seres queridos que ya no están junto a nosotros, pero que te siguen disfrutando desde otra altura. Adios Sol...! Mañana te espero otra vez. Casapueblo es tu casa, por eso todos la llaman la casa del sol.

Carlos Páez Vilaró

Todos os dias, religiosamente, quase no mesmo horario, pessoas se reúnem na Terraza Mario Benedetti, na Casa Pueblo, em Punta del Este, Uruguai, para assistir o espetáculo do por do sol. *Encuanto baja el sol*, a voz (gravada) do renomado artista Vilaró embala o momento de cada um, construindo uma memória eterna. Sensível, latino-americano, romântico e solidário, Vilaró homenageia o sol e presenteia a todos em quase dez minutos de um certo silêncio que

vincula o ser a seus valores, natureza e universo.

Enquanto isso, Vilaró, com seu sorriso, simpatia e leveza, está lá dentro da tal "casa muito engraçada" de Vinícius de Moraes (que não tinha teto, não tinha nada). Erguida sobre penhascos e sobre o mar frio de Punta Ballena, a Casa Pueblo, projeto de sua vida e que desenvolve há décadas, é também museu, hotel, hostel, restaurante, livraria e residência do artista.

EDITORIAL



EXPEDIENTE

Coordenação: Renan Xavier e
Débora Cota

Projeto Gráfico: Renan Xavier
Editor(a) e capa: Michele Dacas
Ilustração: Rafael Maier e
Gilmar Almeida da Silva

Orientação Pedagógica: Débora
Cota

Produção: Natali Z. Hoff e
Rafael Maier

COLABORADORES

Bárbara Arisi
Douglas Diegues
Jorgellina Tallei
Katherine García V.
Lucas Aguiar
Luis Poleti
Marco Albuquerque
Marcos Labanca
Maria Aparecida Webber
Michel Varão

A sétima edição da PEABIRU louva a mistura, festeja a **miscelânea**, rende-se à contaminação, à promiscuidade de linguagens e artes. Não é à toa que o contato cultural na América Latina sempre insuflou importantes discussões, dele surgiram, e ainda surgem, inúmeros **conflitos**, mas também é impulso à criação artística, desafio da convivência ou negação da pureza. Para falar dele em âmbito cultural latino-americano tem-se privilegiado noções como a de **transculturização, heterogeneidade, hibridismo e limiaridade**, já que a mescla permeia nosso espaço, compõe nosso cotidiano, nos constitui, é matéria de nossas manifestações.

Fazem parte de nosso **caldeirão** deste mês os ciclistas da cidade que escolheram pedalar para se misturar; a alegria e beleza das poesias de Paulo Leminski cantadas pelo professor José Miguel Wisnik em sua aula-show; a descrição de sensações possibilitadas por lugares onde se assiste ao pôr do sol como se assiste à uma peça de teatro e, uma especial colaboração do escritor de fronteira Douglas Diegues, que “teletransporta” ao provocador portunhol selvagem o mito guarani do nascimento da linguagem humana.

Prestigie, contamine-se, reviste-se!

Se toca y no se mira

- não se olha -
- se toca com os olhos fechados -



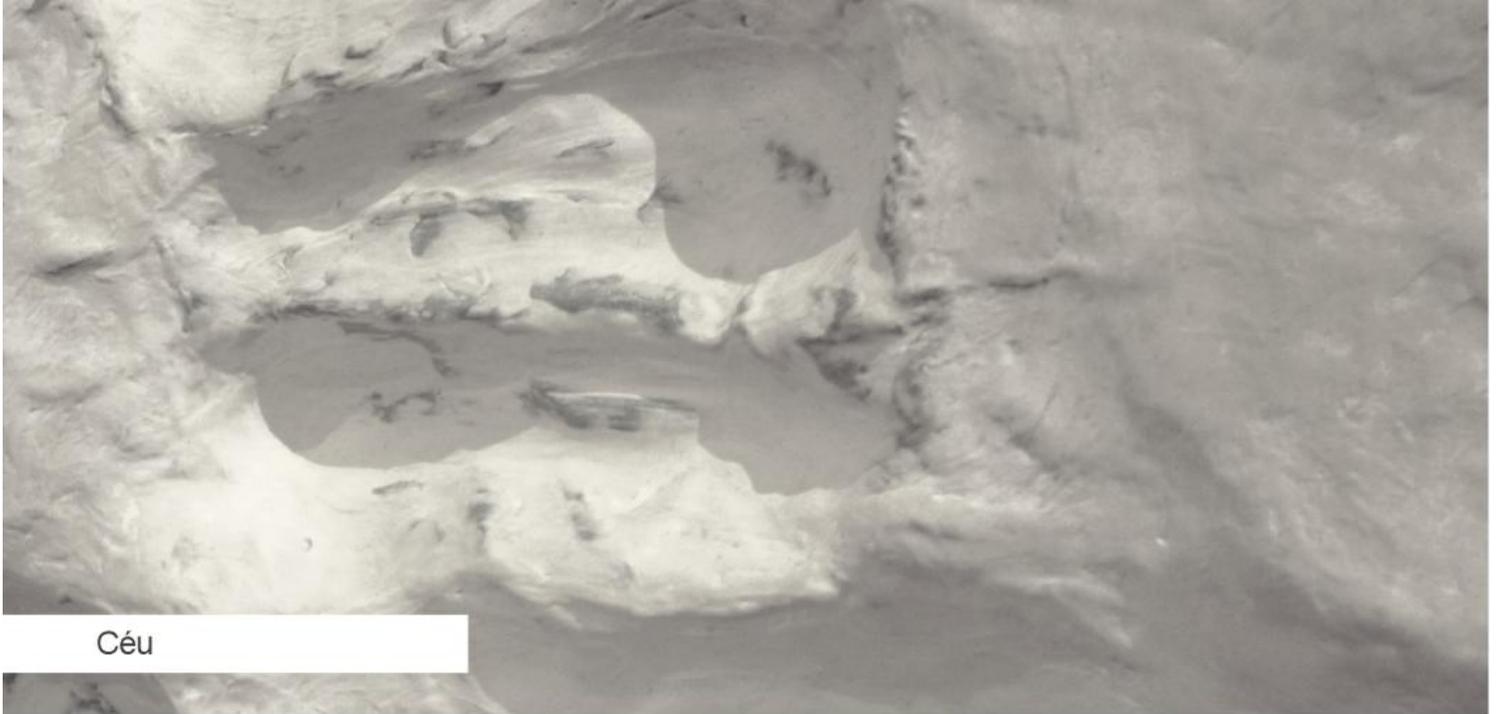
“Neste exato momento, mundos invisíveis, silenciosos cruzam a nossa realidade moldando-a como argila e manuseando-a como um fantoche. A suspeita é confirmada: um aprendizado maior espera ser descoberto a cada instante.”

Dario Bermudez

Esta passagem traduz as possibilidades que os visitantes da exposição “Sensações” são convidados à visitar no passeio pela experiência sensorial do mundo das artes, em especial pela arte de **Laura Aretz**. Conhecemos a sua obra quando exposta no salão da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu.



Vida



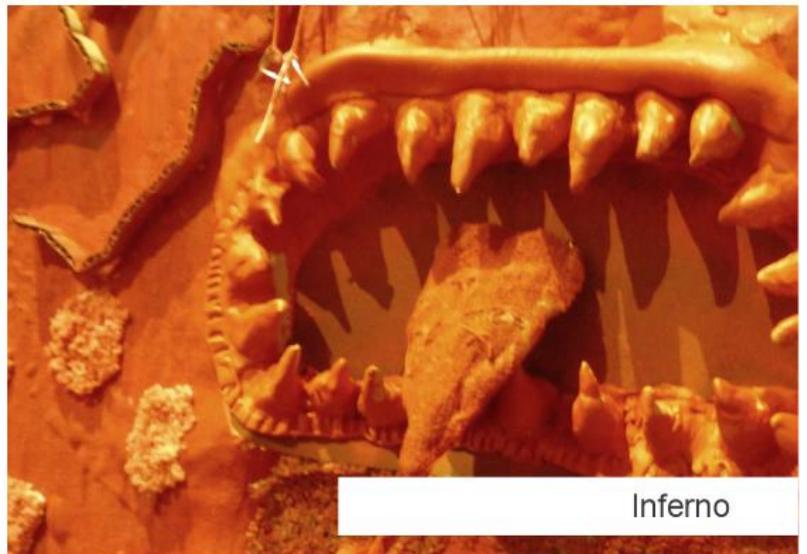
Céu

Em seu formato a obra é designada como o **Tríptico** - um conjunto apresentado com a composição de três pinturas dispostas em uma moldura dobradiça – que nos convoca para o inusitado, uma apreciação tátil da configuração Vida, Terra, Céu e Inferno. Uma configuração como espaço mítico transpassado pela totalidade humana.

Também a obra é para ser tocada por aqueles que portam inaptidões visuais, foi criada sob uma técnica de caráter pintura-escultural, com texturas e saliências que proporcionam sensações para além da apreciação visual. O Tríptico é uma proposta diferente para a exploração da poesia que uma obra propõe-se, fechar os olhos e permitir que a mesma guie a sensação das mãos.

Disposta num formato de quadro/caixa, o Tríptico de Sensações divide-se em 4 superfícies: Aberta, Aperto: "Jardim das Delícias", "Inferno" e "Céu", e fechada, "Vida".

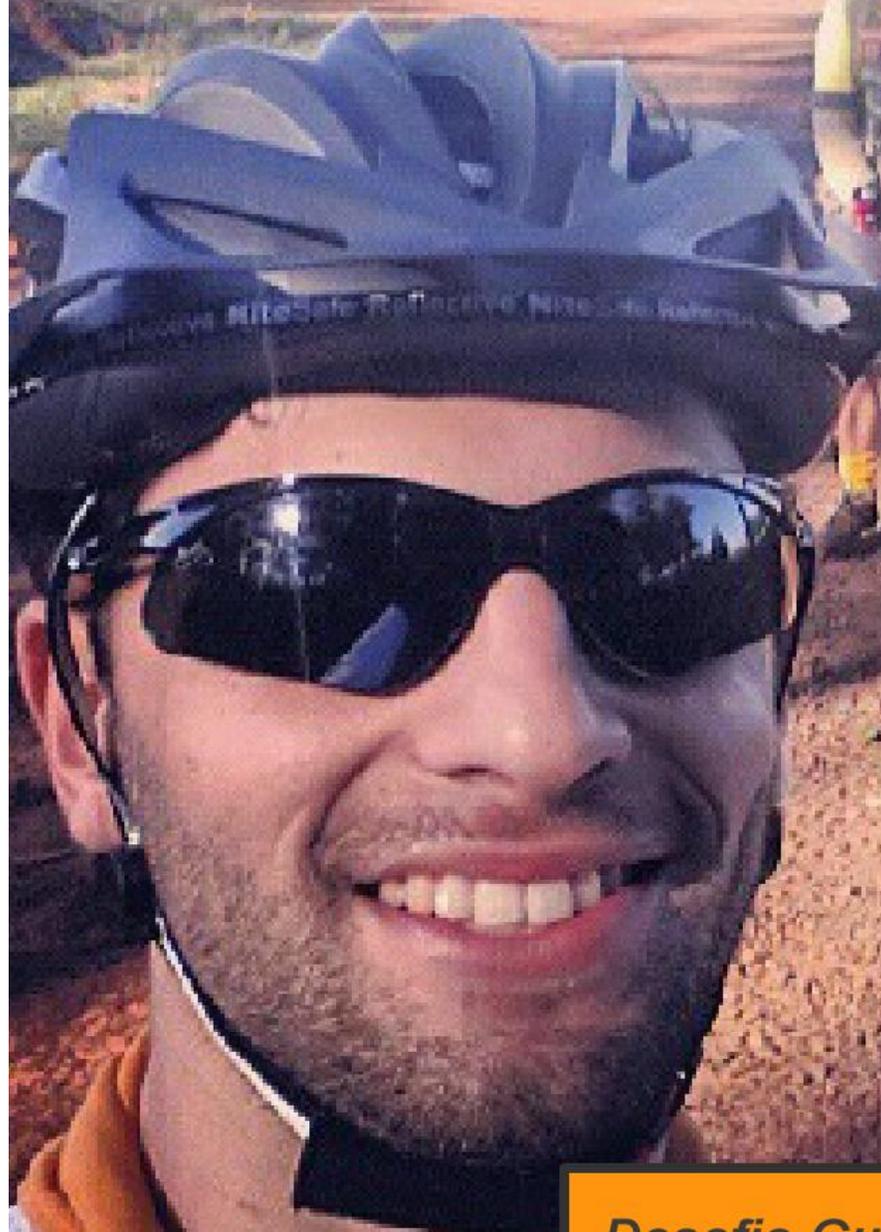
Laura Aretz é artista plástica, vive em Eldorado (Misiones), Argentina.



Inferno

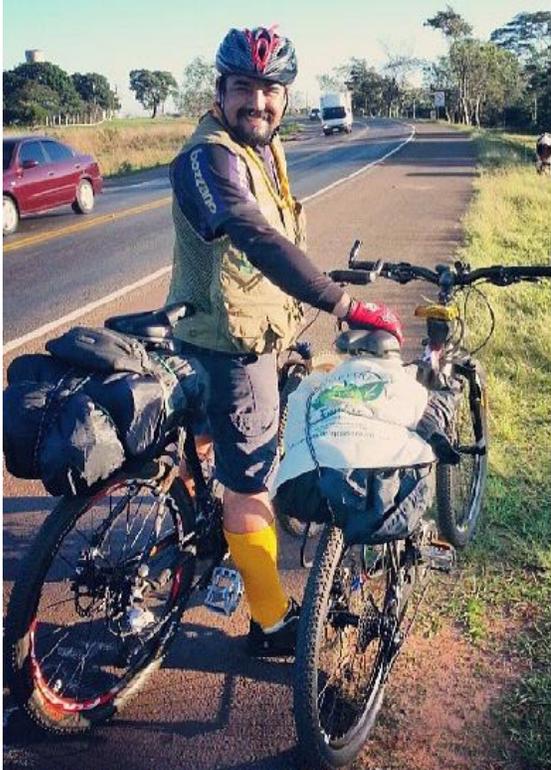


Jardim das Delícias



Desafio Guarani II de bicicleta para Asunción

Para quem mora na fronteira Trinacional chamar de desafio uma viagem para *Asunción* pode até parecer exagero, pois basta pegar um ônibus no outro lado da ponte – está tão imersa no cenário de Foz do Iguaçu, que até parece que o outro lado nem é tão outro assim... Porém, dois amigos, o criativo **Luis Poleti** e o professor **Alcides Penayo**, fizeram essa rota de um modo diferente: foram na energia do pedal e na vontade de vivenciar o trajeto, sem a pressa da chegada! Quem nos conta essa viagem é Luis Poleti.



Fotos de Luis Poletti
e Alcides Penayo



Como foi a decisão de fazer o trajeto desde Foz até Asunción de bicicleta? O que os motivou?

>> No início do ano, Alcides comentou que havia feito esta viagem em 2005 junto com alguns amigos, a qual foi chamada de "Desafio Guarani". Surgiu a ideia de repetir a história e, a partir daí, nos lançamos na realização do "Desafio Guarani II". Foram cinco meses de treino e em julho deste ano partimos em direção à capital do Paraguai. Para mim, foi a primeira experiência.

E como foi o percurso? Onde dormiam? Quantos quilômetros rodados e em quantos dias?

>> O percurso foi Ciudad Del Este, Caaguazu, Caraguatay e Assunção. Antes de partir, Alcides entrou em contato com um amigo do Corpo de Bombeiros voluntários de Caraguatay. Ele nos colocou em contato com os bombeiros de Caaguazu para garantir as nossas pernoites. Foram três dias de estrada e de pedal, incluindo um passeio em Assunção. Percorremos no total 360 quilômetros de distância.

Muitas histórias para contar sobre a aventura, das pessoas e lugarejos que conheceram durante a viagem?

>> A aventura tinha metas: 150km no primeiro dia, 110km no segundo e no terceiro, 76km, era só correr para o abraço... Os lugares em que paramos foram Caaguazu e Caraguatay. Estas cidades foram as que mais tivemos contato com o pessoal. Fomos muito bem recebidos e, em Caraguatay, até "ganhamos" uma moto para circular por lá. Em Assunção, ficamos na casa dos tios do Alcides.

Desses momentos, as melhores lembranças que temos se relacionam à receptividade do povo paraguaio, sempre querido e bem alegre. As pernoites em Caaguazu e Caraguatay, com seu **Parque Nacional Vapor Cue**, e o café da manhã na Chiperia Maria Ana, onde acompanhamos um lindo dia nascendo.

Como foi a chegada em Asunción?

>> A sensação de chegar em Assunção foi incrível. Foi uma sensação de vitória e de dever cumprido. O corpo já dava alguns sinais de cansaço e o estresse de pedalar no trânsito de lá era grande. Mas provamos para nós mesmos que é só acreditar que a gente consegue!



Entre versos e canções, um poeta

*Por Natali Zamboni
Fotos Michele Dacas*

Em uma noite de sábado, de um longo e subitamente gelado mês de agosto, foi realizada em Foz do Iguaçu, uma aula-show sobre o poeta paranaense, Paulo Leminski. A aula foi ministrada pelo professor e músico José Miguel Wisnik, que agradeceu a todos com uma irreparável explanação sobre a vida e obra de Leminski, um expoente artista contemporâneo brasileiro. Além das canções suavemente interpretadas por ele ao piano, também por Sérgio Reze na bateria e Swami Jr na guitarra.

O espetáculo foi aberto ao som da música Luzes, composição de Leminski, gravada por Arnaldo Antunes. Wisnik a interpretou com emoção e sutileza, deixando claro o tom noite, que buscava estabelecer um diálogo entre a poesia do livro e a poesia cantada. Leminski, além de escrever poesia, também compunha letras de canções, característica essa, muito brasileira, segundo Wisnik.



Em meio a apresentação ritimada pelas canções e poesias, Wisnik acrescentava o tom didático, fazendo saber, mesmo que brevemente, sobre a obra do artista. Lembrou que Leminski apareceu no cenário literário nacional na década de 70, marcado por duas correntes opostas: a poesia concreta e a poesia marginal. Na primeira a palavra é vista como um objeto que ocupa lugar na página, dessa maneira, a grafia, as letras, a espacialização das palavras faziam parte da poesia. Não se escrevia mais em versos, mas sim em constelações de palavras. Enquanto na segunda, os versos eram trabalhados com questões mais ligadas ao existencial, à linguagem coloquial, ao cotidiano, e a expressão direta da vida.

Muito se discutiu a respeito de que corrente Leminski fazia parte, mas para Wisnik ele possui influência da poesia concreta, mas a sua poesia possui relação também com as expressões da vida, e uma linguagem rápida, que o aproxima também da poesia marginal. Talvez o artista estivesse mesmo na intermitência entre estas oposições, talvez ele fosse o posoto em si mesmo, daquilo tudo que pudesse ser classificado. Como destaca Wisnik, a originalidade de Paulo Leminski consiste na sua capacidade de desfazer essa oposição entre essas duas correntes, criando uma espécie de terceira margem, na qual ele as funda em uma nova poesia. Como recorda Wisnik: "Leminski foi um homem que viveu para a poesia, pela poesia e da poesia".



Yvu Rapyta ou el origen de la linguagem humana teletransportado al portunhol selvagem

por Douglas Diegues

Desde 2008 vengo me dedico a teletransportar al portunhol selvagem com mucho gozo y libertad kunu´u el "Ayyu Rapyta, los textos miticos de los mbyá guarani del Guairá", coletados pelo antropólogo paraguayo León Cadogan entre los años 40 e 50, y publicados por primera vez por Egon Schaden em forma de boletim de la Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras de la USP, em 1959. Vai ser um hermoso acontecimiento ver um dia el Ayyu Rapyta publicado em portunhol selvagem. El Ayyu Rapyta, com suo resplandeciente vigor selvátiko, sua kualidade de llamas de rocio, suo tatáchiná vivificante, seus ritmos selvagens mbyá guaireños tri border, es uno de los momentos mais expressivos de la verbocriación de esta parte do mundo y merece ser mais conocido y disfrutado por los lectores de las urbes civilizadas.

El Nacimiento de la Linguagem Humana

1
Ñamandu Ru Ete Tenondegua
De un pequeno pedazo de seu próprio ser de céu
De la sabiduría que había em seu ser de céu
Com seu saber que vai se abrindo como flor
Hizo que houbersem llamas y ténue neblina vivificante

2
Habendo inbentado a si mesmo
De la sabiduría que había em seu ser de céu
Por seu saber que se abre como flor
Hoube que houberse el ayvu rapyta
De la sabiduría que había em seu próprio ser de céu
Por seu saber que se abre qual flor
Hoube Ñande Ru que houberse el ayvu rapyta
Y se fizesse em seu ser divinamente coisa de céu
Quando non había Tierra
Em meio a las tinieblas primitibas
Quando nada ainda se sabía
Fez que el ayvu rapyta se abrisse qual flor
Y se fizesse em seu ser divinamente coisa di céu
Isto fez Ñamandú Ru Ete tenondegua

3
Habendo que houberse el origen del futuro ayvu humano
De la sabiduría que había em seu próprio ser di céu
Por seu saber que se abre qual flor
Hoube haber el origen del amor (al outro)
Quando non existia Tierra
Entre las tinieblas primitibas
Quando ainda nada se sabia
Com seu saber que se abre como flor
Fez que se abrisse qual flor el origen fontano del amor (al outro)

4
Habendo hecho que el ayvu rapyta se abrisse como flor
Habendo hecho que se abrisse qual flor el úniko amor
De la sabiduría que había em seu ser de céu
Por seu saber que se abre como flor
Fez que se abrisse qual flor un kanto enkantado em sua solidom
Quando non existia Tierra
Entre las antiguas tinieblas
Quando nada ainda se sabia
Fez que se abrisse como flor un kanto enkantado em sua solidom

Ayyu rapyta

1
Ñamandu Ru Ete tenondegua
oyvára peteĩgui,
oyvárapy mba'ekuaágui,
okuaararávyma
tataendy, tatachina ogueromoñemoña

2
Oãmyvyma
oyvárapy mba'ekuaágui,
okuaararávyma
ayvu rapytarã i oikuaa ojeupe.
Oyvárapy mba'ekuaágui,
okuaararávyma,
ayvu rapyta oguerojera,
ogueroyvára Ñande Ru.
Yvy oiko'eýre,
pytu yma mbytére
mba'e jekuaa'eýre,
ayvu rapytarã i oguerojera,
ogueroyvára Ñamandu Ru Ete tenondegua.

3
Ayyu rapytarã i oikuaámavy ojeupe,
oyvárapy mba'ekuaágui,
okuaararávyma
mborayu rapytarã oikuaa ojeupe.
Yvy oiko'eýre,
pytu ymã mbytére,
mba'e jekuaa'eýre,
okuaararávyma
mborayu rapytarã i oikuaa ojeupe

4
Ayyu rapytarã i oguerojera i mavy,
Mborayu peteĩ i oguerojera i mavy
Oyvarapy mbaekuaágui,
Okuaararávyma,
Mba'e a'ã rapyta peteĩ i oguerojera.
Yvy oiko'eýre,
Pytũ yma mbytére,
Mba'e jekuaa'eýre
Mba'e a'ã peteĩ i oguerojera ojeupe..

5

Habendo ya hecho em sua solidom que se abrisse como flor el ayvu rapyta
 Habendo ya hecho em sua solidom que se abrisse qual flor um poko del úniko amor
 Habendo ya hecho em sua solidom que se abrisse como flor para si un kanto enkantado
 Kalkulou inkalkulabelmente
 Quem merecia las hermosas futuras palabras primeras
 Quem merecia esse úniko amor
 Quem merecia las hermosas futuras palabras primeras que habían kanto
 Habendo inkalkulabelmente kalkulado imponderabellemente
 De la sabedoria que hay escondida em seu próprio ser de céu
 Por seu saber que se abre tan flor
 Hoube que se abrissem qual flor los que se fizeram parceiros de seu ser de céu

5

Ayvu rapytarã i oguerojera i mavy ojeupe;
 Mborayu petei i oguerojera i mavy ojeupe;
 Mba'e a'ã petei oguerojera y mavy ojeupe,
 Ochareko iñóma
 Mavaëpepa ayvu rapyta omboja'o i anguã;
 Mborayu pete i omboja'o i anguã;
 Mborayu pete i omboja'o i anguã;
 Mba'e a'ã ñeychyrõgui omboja'o i anguã.
 Ochareko iñómavy,
 Oyvárapy mba'ekuaágui,
 Okuaararávyma
 Oyvára irürã i oguerojera.

6

Ochareko iñómavy,
 Oyvárapy mba'ekuaágui,
 Okuaararávyma
 Ñamandu Py'a Guachu oguerojera.
 Jechaka mba'ekuaa reve oguerojera.
 Yvy oiko'eÿre,
 Pytũ yma mbytere,
 Ñamandu Py'a Guachu oguerojera.
 Gua'y reta ru eterã
 gua'y reta ñe'ëy ru eterã,
 Namandu Py'a Guachu oguerojera.

7

A'e va'e rakyguégui, Oyvárapy mba'ekuaágui,
 Okuaararávyma, Karai Ru Eterã, Jakaira Ru
 Eterã, Tu pã Ru Eterã, Ombovórajekuaa
 Gua'y reta ru eterã, Gua'y reta ñe'ëy ru eterã,
 Ombovára jekuaa.

8

A'e va'e rakykuégui
 Ñamandu Ru Ete
 opy'a rechéiguarã
 ombovára jekuaa
 Ñamandu Chy Eterã i;
 Karai Ru Ete,
 Ombovára jekuaa
 Opy'a rechéiguarã
 Karai Chy Eterã i.
 Jakaira Ru Ete, a'érami avei,
 Opy'a rechéi guarã
 Ombovórajekuaa
 Jakaira Chy Eterã i.
 Tupã Ru Ete,
 a'érami avei,
 Opy'a rechéi guarã
 Ombovórajekuaa
 Tupã Chy Eterã i.

6

Habendo inkalkulabelmente kalkulado imponderabellemente
 De la sabedoria contenida en seu próprio ser de céu
 Por seu saber que se abre qual flor
 Fez haber el Ñamandu de korazón grandote como céu
 Fez que houbessem ya con la luz própria del saber de cada um
 Quando non había Tierra
 En meio a las tinieblas primitivas
 Fez haber el Ñamandu de korazón grandote como céu
 Para pae de seus futuros miles de hijos
 Para verdadeiro pae de las palabras-almas de seus futuros miles de hijos
 Fez haber el Ñamandu de korazón grandote como céu

7

Después
 De la sabedoria contida em seu próprio ser de céu
 Por su saber que se abre como flor
 Al berdadero Pae de los futuros Karai,
 Al berdadero Pae de los futuros Jakairá,
 Al berdadero Pae de los futuros Tupã
 Fez que soubessem haber origen de céu
 Para berdaderos paes de sus futuros miles de hijos
 Para verdaderos paes de las palabras-almas de sus futuros miles de hijos
 Fez que soubessem haber origen de céu

8

Después Ñamandu Ru Etê
 A la que estaria a la frente de seu korazón
 La futura verdadeira Ñamandu Chy Eterã'i
 Fez que soubesse haber origen de céu
 Karai Ru Etê
 A la que estaria a la frente de seu korazón
 La futura verdadeira Ñamandu Chy Eterã'i
 Fez que soubesse haber origen de céu
 Jakairá Ru Etê igualito
 A la que estaria a la frente de seu korazón
 La futura verdadeira Ñamandu Chy Eterã'i
 Fez que soubesse haber origen de céu
 Tupã Ru Etê, del mismo modo,
 A la que estaria a la frente de seu korazón
 La futura verdadeira Ñamandu Chy Eterã'i
 Fez que soubesse haber nela origen de céu

9

Por haberem saber sabido la sabedoria de céu de seu próprio Guu tenondegua
Por haberem saber sabido el ayvurapytara?i de la palabra de carne y gueso
Por haberem saber sabido el primitivo amor (al outro)
Por haberem saber sabido las berdadeiras palabras del kanto encantado
Por haberem saber sabido la sabedoria que se abre qual flor
Ellos también son xamados
Berdadeiros paes de céu de las palabras-almas
Berdadeiras mães de céu de las palavras-almas

10

¡Ô Ñamandu Ru Ete tenondegua!
Em teu mundo el Ñamandu de corazón grandote como céu
Aparece resplandescente
como teu saber de céu que se abre qual flor
Por haberes habido que aquellos a quem inbentastes com arcos
Houbessem saber cair y levantar sozinhos
Habemos saber cair y levantar sozinhos
Por ser assim y non assado
Palabras indestrutíbelles
Jamais serán falsas-fracas-tristes-servis-y-tavyrongas em tempo algum
Nosotros los poucos huérfanos del paradiso
Vivemos nostras palabras?Somos nostras palabras que se levantan nuebamente
Por nostras propias palabras
Sempre permitido nos seja levantar miles de inkalkulábeis miles de vezes;
Ô Ñamandu Ru Ete tenondegua!

11

Por ser antes de haber sido um ser de céu
"Fuego y neblina vivificante del poder de la inbención" como dizem
Ñamandu tenondegua
Fez que houberesse como parte de la koisa de seu ser de céu
uma koisa sem koisa que es la koisa que ven a ser esta koisa

12

En las selvas del mundo
Nim los mejores de los que levam el adorno de la masculinidade
Nim las mejores de las que levam el adorno de la feminilidade
Puderam poderiam podem poderán saber um dia que koisa
ven a ser esta koisa de la tal koisa de la koisa inkonhecibel

9

Guu tenondegua yvárapy
mba'ekuaa omboja'o riréma;
ayvu rapytarã i omboja'o riréma;
mborayu rapyta omboja'o riréma;
mba'e a'ã ñeychyrõ omboja'o riréma;
kuaarara rapyta ogueno'ã rire,
a'ekue ípy:
Ñe'ëy Ru Ete pavëngatu,
Ñe'ëy Chy Ete pavëngatu,
Já'e.

10

Ñamandu Ru Ete tenondegua!
Nde yvýpy Ñamandu Py'a Guachu
Oyvára jechaka mba'ekuaa
Ogueropu'ã.
Reropu'ãukáramoma
Ne remimboguyrapa,
Ore ropu'ã jevýma.
A'éramoma,
Ayvu marã'eÿ
Kuriéramo jepe oguerokãngy
Katu'i vare'y jevy
Ore, yvára tyre'y mbovy i,
Regueropu'ãma.
A'évare,
toropu'ã jevy jevy,
Ñamandu Ru Ete tenondegua.

11

Mba'e porãvyma
"Kuaarara tataendy, tatachina", e'i
Ñamandu tenondegua
Rangë a'e va'erã
Ogueromoñemoña

12

Yvy rupáre,
Jeguakáva porãngue i jepe
Jachukáva porãngue i jepe
Oikuaa va'erã'eÿ:
A'e va'e iupitypy'ey

13

Va'e jepe
Oñembo'e porã añetegua va'épe
Marãramipa
"kaarara tataendy tatachina", e'i,
oikuaauka va'erã

14

A'evyma Ñande Ru
opy'a mbyte mbytépy
ñe'engatu rapytarã'i
omboupa tenonde va'ekue

Ñe'ëy Ru Ete

13
Esta koisa entretanto
A los que vivem-kantan la palabra com devoto
fervor verdadeiro
De los própios seres de céu haberán de saber
Por que es que se diz
“Fuego y neblina vivificante del poder de la inbención”

14
Por isto Ñande Ru
fez haber nel mesmíssimo centro de seu korazón
el origem original de la palabra de céu
que originariamente hoube que se abrisse qual flor

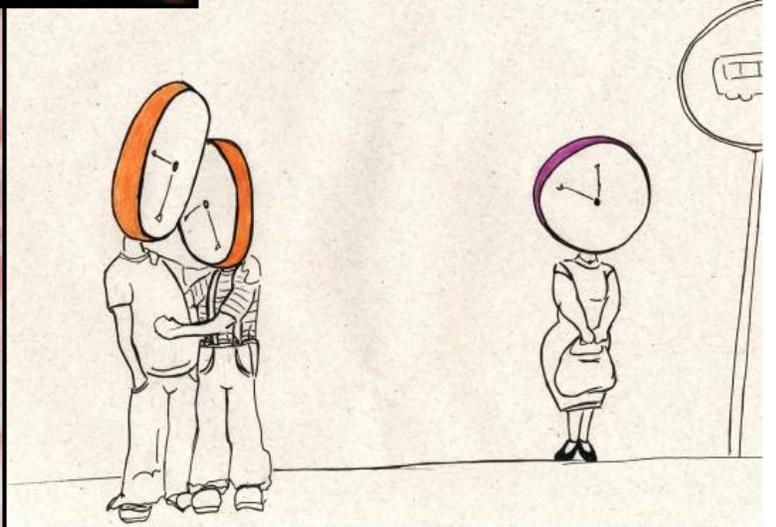
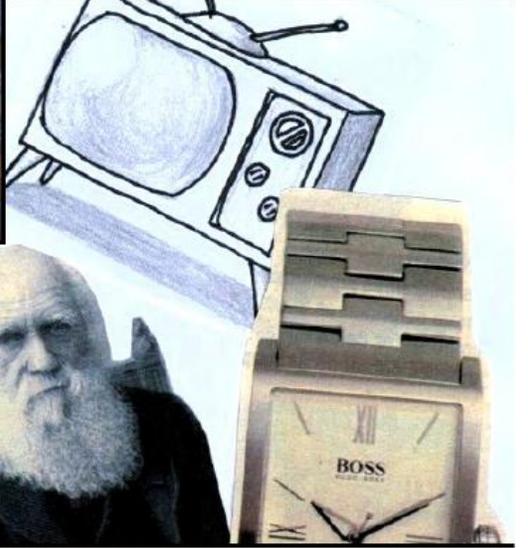
15
A isto llaman
“Fuego y neblina vivificante del poder de la inbención”
Por la palabra ser la palabra
Por la palabra haber caminado com suas própias piernas
Por la luz de seu corazón de sol
Para que por toda la tierra
Y por todo el firmamento
Nada absolutamente houbesse que ficasse fora de sus todo-lo-vê
Hasta las coisas que existem y nim existem ainda y son parte di seu ser de céu
Por sua própia palabra que se abre qual flor
“Fuego y neblina vivificante del poder de la inbención”
“Sol del korazón de céu”
dijo Ñamandu Ru Ete tenondegua
[Teletransportado al portunhol selvagem por Douglas Diegues a partir de las bersiones de León
Cadogan y Bartomeu Melià]

15
Va'épema:
“Kuaarara
tatanedy tatachina”, e'i
A'évyma, Opy'a jechaka Kuaray reve
Omofembo'yvyma,
Yvy javére
Yva javére
Omokañya jipói anguã ete
O'evyma
Oguerojera va'ekuépema:
“Kuaarara tataendy tatachina,
yvára Kuaray i”,
e'i Ñamandu Ru Ete Tenondegua

[Original mbyá'guarani coletado e transcrito por León
Cadogan]

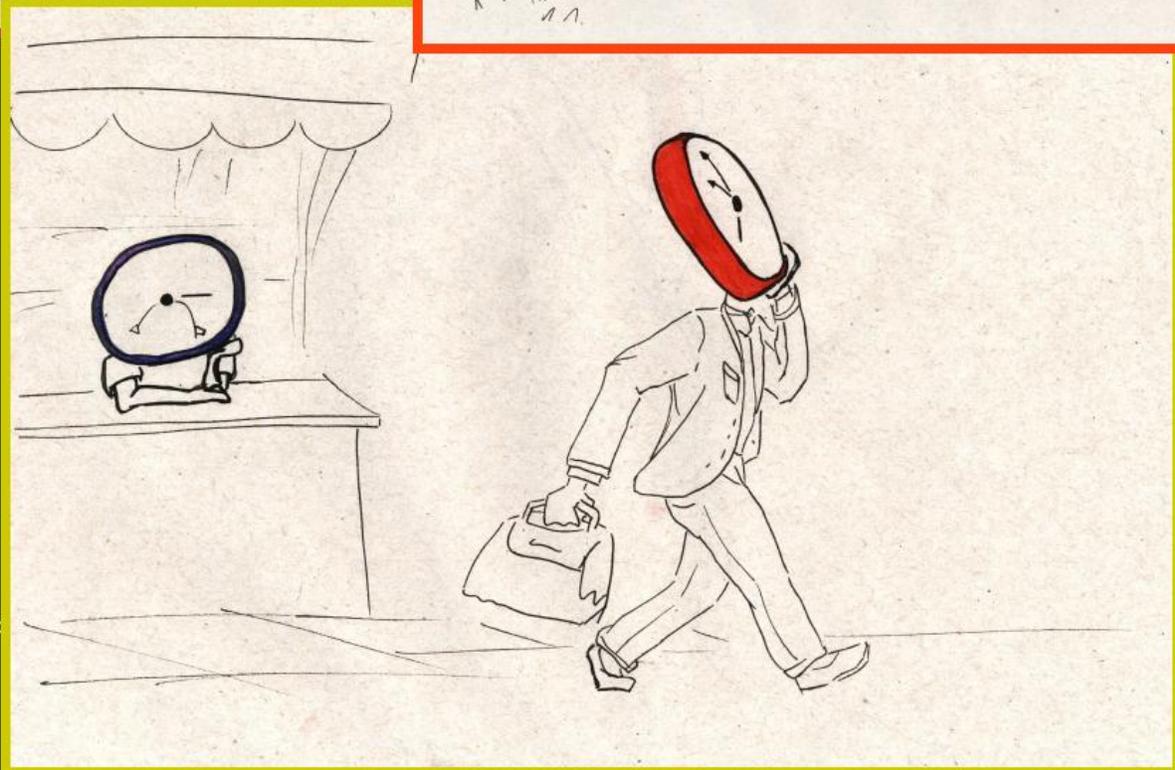
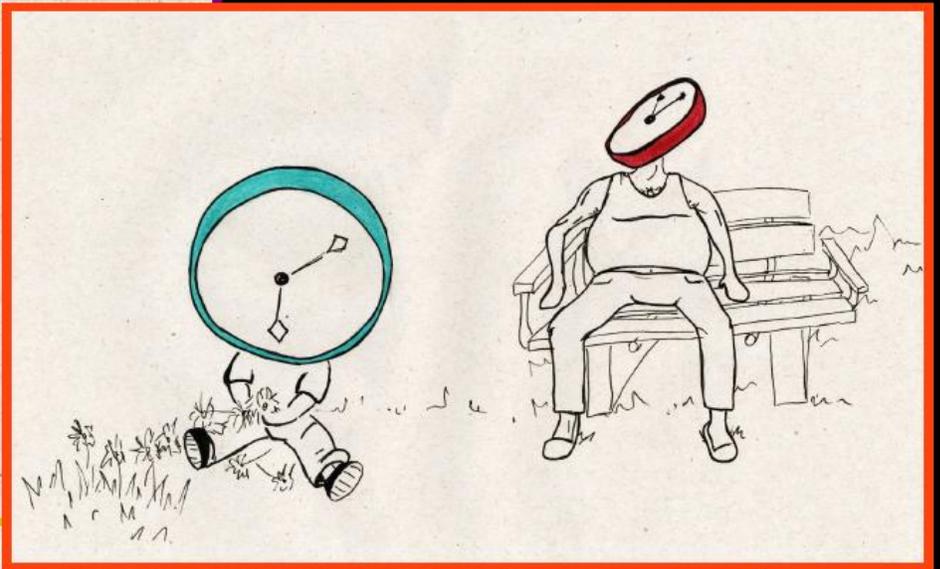
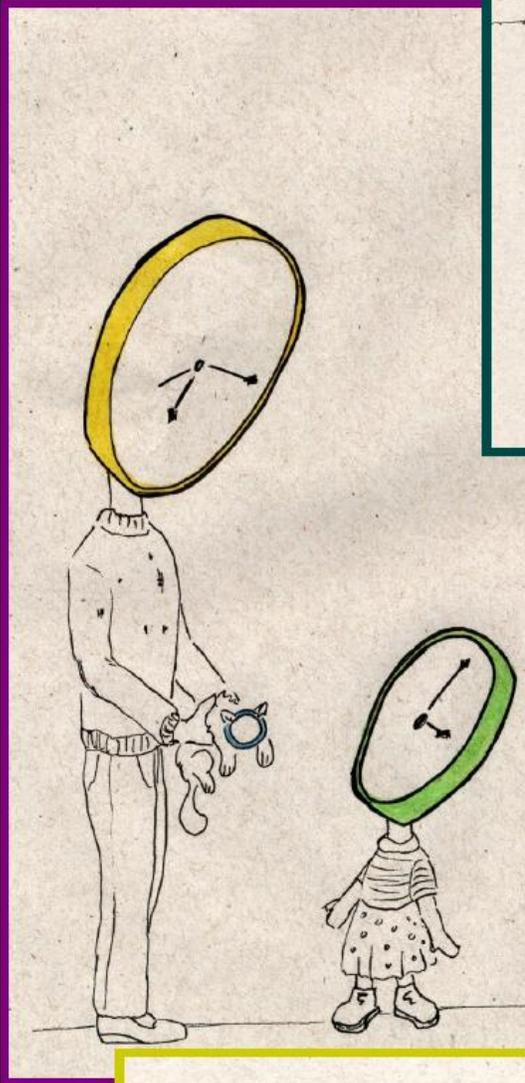
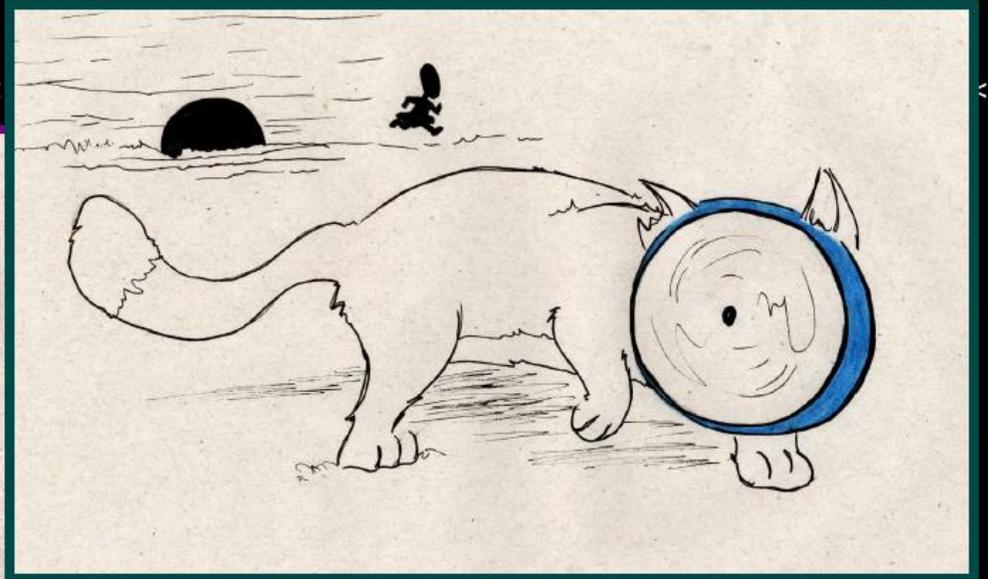


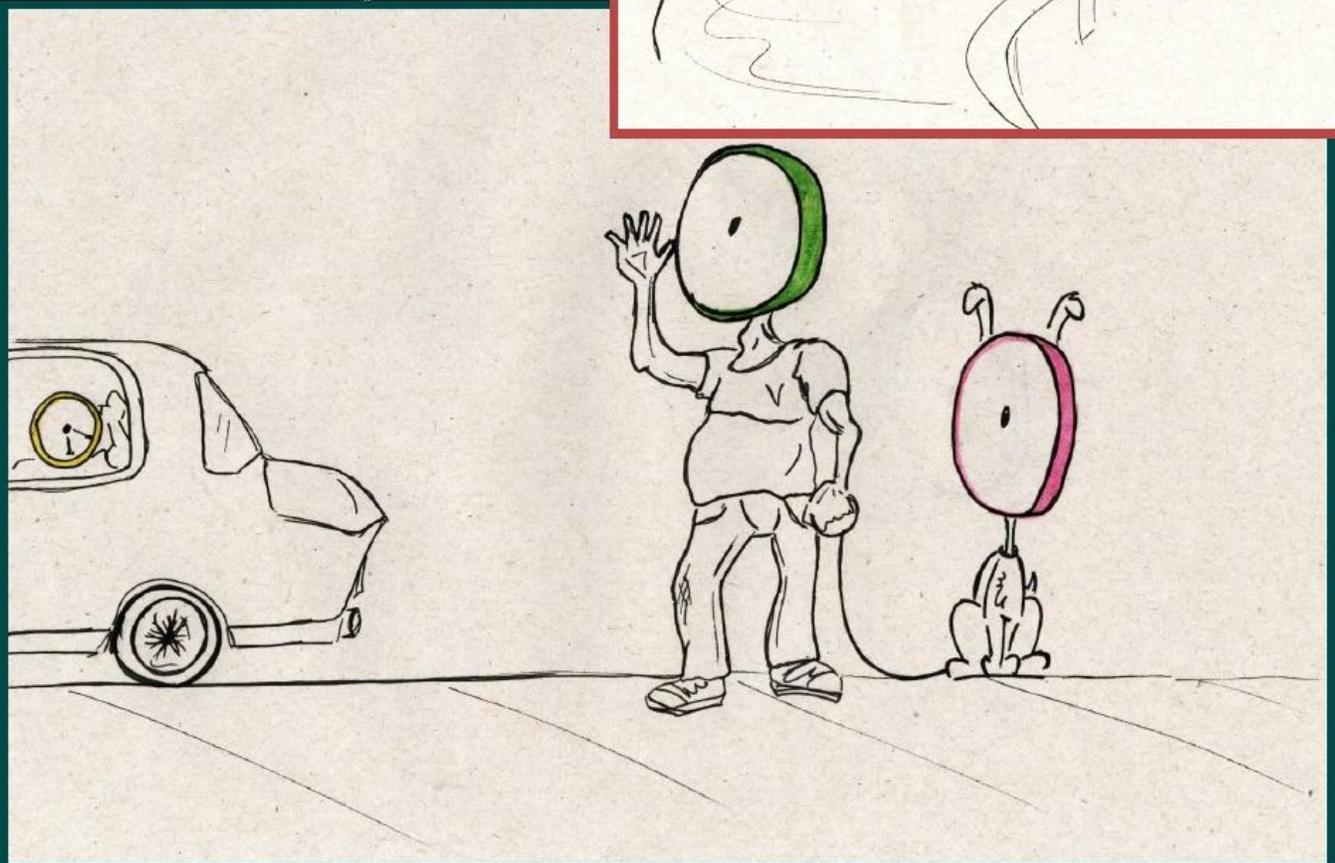
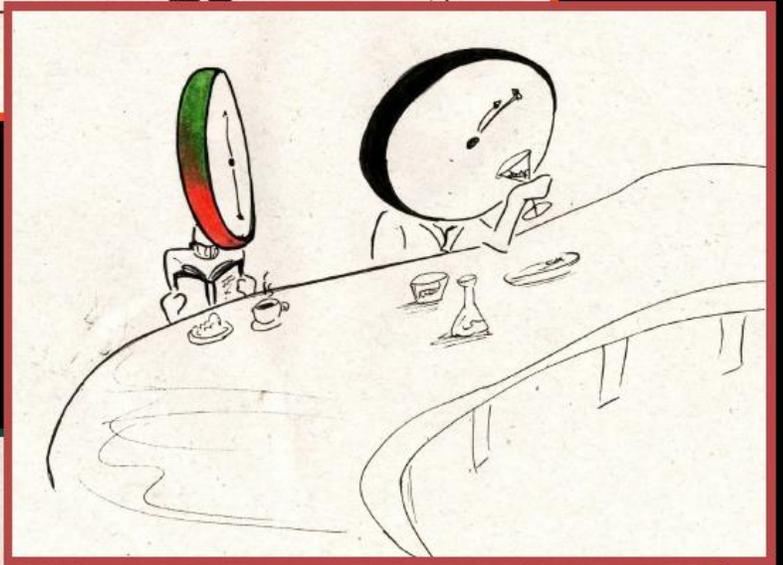
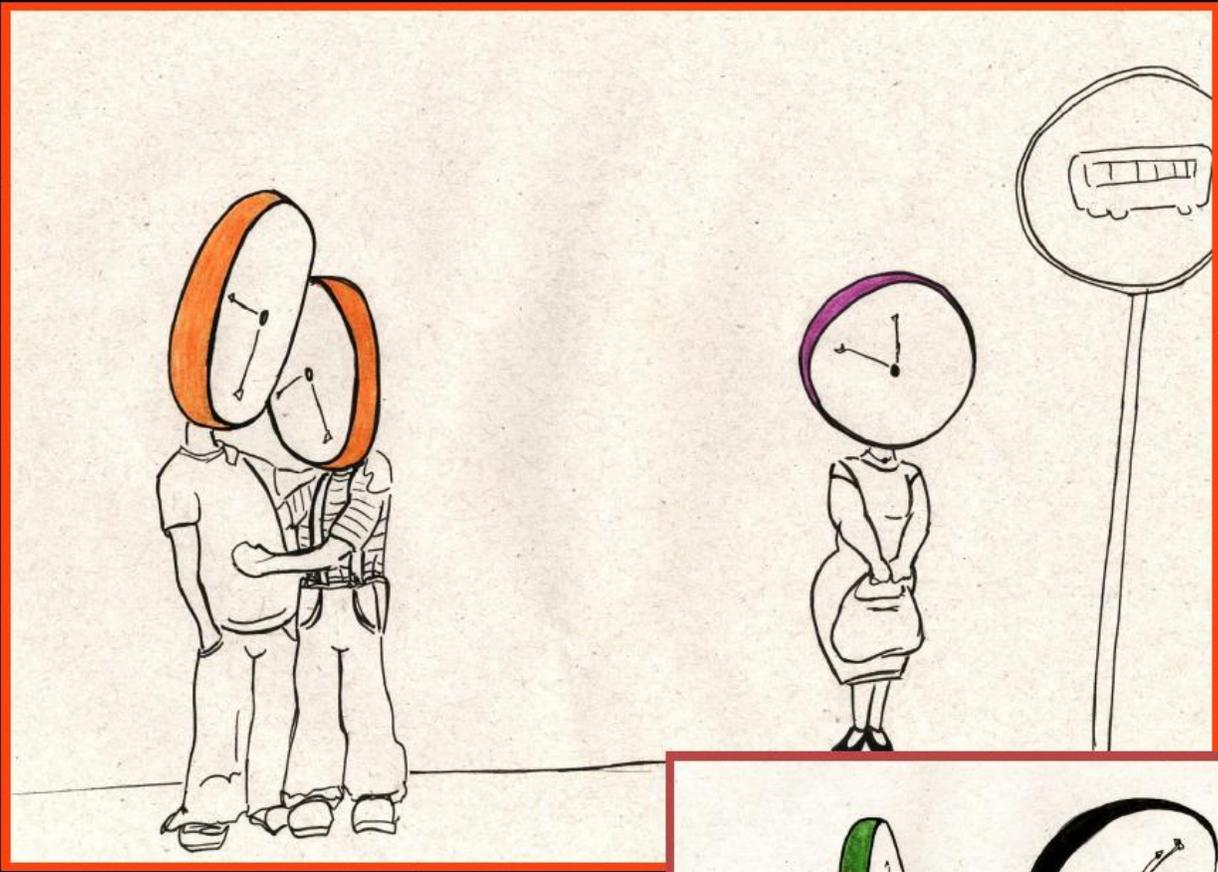
Ilustração: Michel Varão



O Tempo

Por Rafael Maier





REVISTA PEABIRU

uma revista colaborativa sobre cultura latino-americana

A Revista Peabiru é um projeto de extensão realizado junto à Secretaria de Comunicação Social, por professores e alunos de diferentes áreas do conhecimento da UNILA. O projeto surgiu com a ideia de difundir a diversidade cultural da América Latina vivenciada na Universidade e na região de fronteira entre os países Brasil, Argentina e Paraguai. Com o objetivo de convergir academia e comunidade por meio de processos comunicativos, buscamos formar uma rede de autores-colaboradores para ilustrar também em nossas páginas, as diferentes vozes e a diversidade cultural dos sujeitos latino-americanos imersos nessa fronteira trinacional.

Acreditamos que a criação de um produto cultural de mídia voltado à diversidade de vozes, expressões e opiniões contribui para a integração dos distintos cenários da América Latina que se encontram nas intermitências dessa fronteira.

Como colaborar:

Nossos conteúdos são baseados na formação de uma rede colaborativa de criação, sendo os mesmos produzidos e coordenados por uma equipe fixa, e/ou em conjunto com demais pessoas, vinculadas ou não à UNILA, que queiram publicar artigos opinativos, poesias, fotografias, ilustrações, contos e narrativas sobre a cultura latino-americana, em sua diversidade de manifestações, em nossas páginas.

Para colaborar envie o seu material para:
revista.peabiru@unila.edu.br

Siga este caminho, faça parte da Revista Peabiru

www.unila.edu.br/revistapeabiru



Por Rafael Maier
Fotos: Michele Dacas
e Bárbara Arisi

A Máscara Neutra e um pingo de gesso sobre sua fabricação

De face insípida, branca, inexpressiva, a máscara neutra é utilizada pelo ator de teatro como neutralizante sobre os vícios de atuação, devolvendo-o a uma expressão nula para que possa reiniciar – ou iniciar, no caso de um amador – seu trabalho no palco, partindo deste ponto em que nenhuma expressão está em evidência. Trata-se de retornar a um lugar de inocência, despersonificado, como uma criança prestes a explorar um mundo desconhecido, o ator volta-se para suas novas possibilidades de atuação conforme seu desenvolvimento ao utilizar a máscara. Sem falas, sem gestos bruscos denunciadores de sentimentos premeditados, sem face alguma, a máscara é o guia do ator em sua performance corporal.



Neste semestre, na disciplina de Tópicos em Artes Cênicas do curso de Letras, Artes e Mediação Cultural da UNILA, o aprendizado se deu no trabalho com a máscara neutra. Ministrada pelo professor de teatro Fernando Faria, a disciplina culminou em uma peça intitulada *Al Faces*, que será exibida no dia 31 de março, na Feira Internacional do Livro de Foz do Iguaçu. Completando a prática do trabalho com a máscara, os alunos participaram de uma oficina de máscara, ministrada pelo artista de origem holandesa Frank Koopman.

O trabalho artesanal de fabricação de máscara elementar – produzida em gesso sobre o rosto do ator que a usará – foi realizado no atelier do artista, instalado em espaço aberto no Colégio COC Semeador, próximo aos estábulos e árvores do local, um ambiente bucólico e otimizante para tal prática criativa.

Frank, demonstrou com sutileza o preparo e cuidado ao se produzir a máscara, apontando algumas das várias alternativas para seu aperfeiçoamento final, e ainda, incentivando a transcender os limites da imaginação. Mostrou ser possível aplicar na máscara uma infinidade de signos, dependendo da finalidade que o seu futuro utilizador ansiar, uma máscara neutra pode causar a descorporificação do eu, ou talvez a incorporação de um ser místico. Isto é, o processo de fabricação da máscara é um passo elementar ao ator que, na possibilidade de produzir a sua própria, encontra aí um contato íntimo primordial ao elemento que lhe permitirá o desenvolvimento nos trabalhos corporais artísticos.



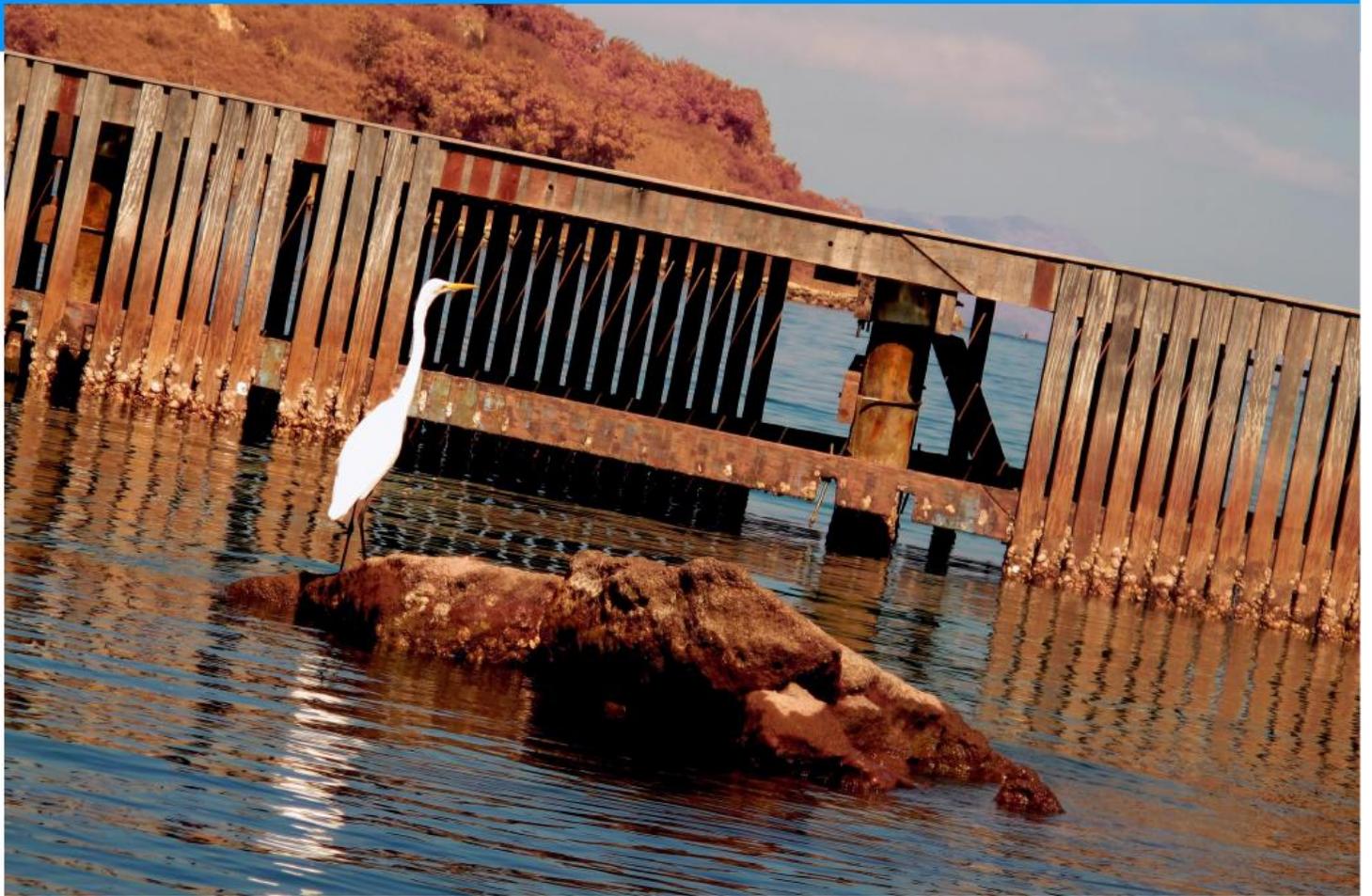
ANGRA DOS REIS

Río de Janeiro, y su ensenada de reyes

Por Katherine García V.

Antes de la llegada de los europeos, era habitada por tribus indígenas Tupinambás. Fue descubierta por portugueses un 6 de Enero de 1502, siendo colonizada a partir de 1556.





Su primer nombre Vila dos Três Santos Reis, después Vila de Angra dos Reis y finalmente Angra dos Reis.

Describir la riqueza de los oasis que esconde, y sus detalles al mirar, será afirmar su majestuosidad natural.



Darwiniana Lírica

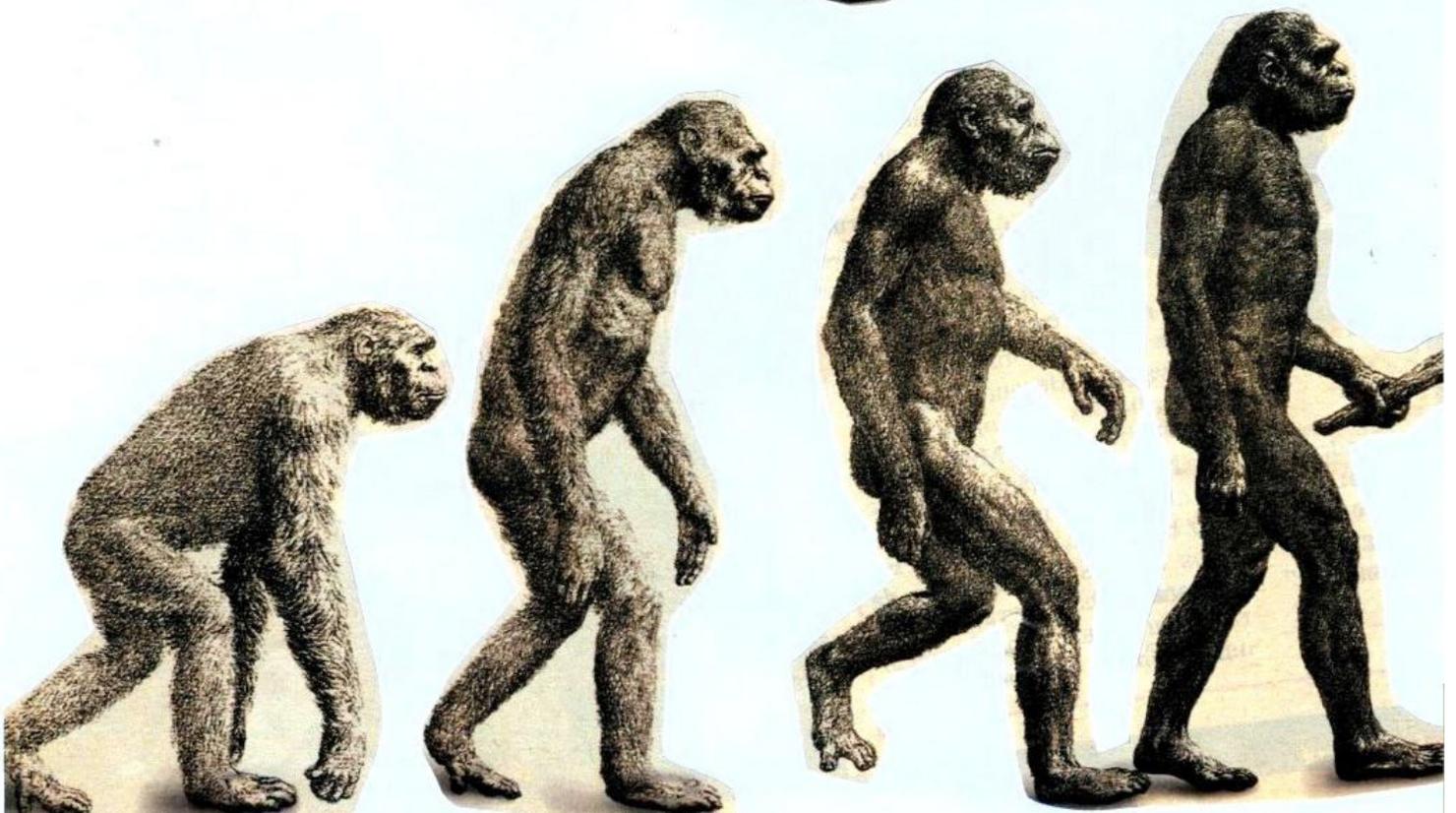
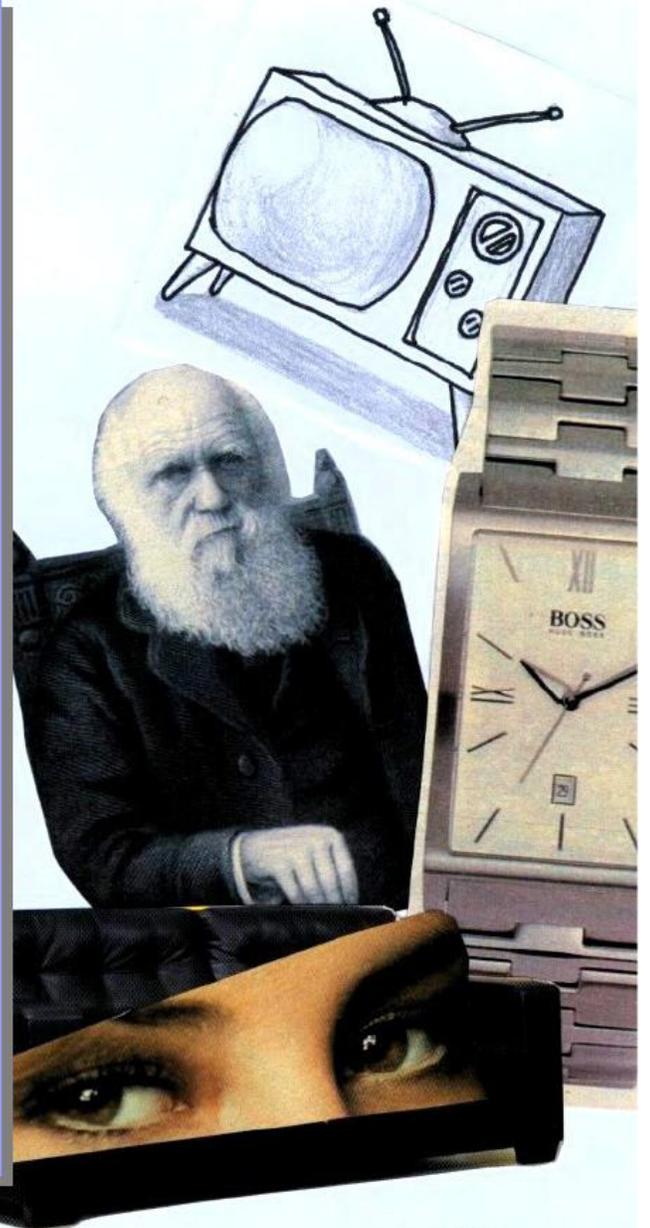
Por Lucas M. Aguiar

(esboço escrito em 1998)

Fui convidado pela vida para achar a morte.
Olhos opacos, geralmente tristes, sorriem forte.
A tevê ilumina minha alma confusa,
Sentado em um sofá, ingênua, inteligência crua.

Não tenho medo, eu não temo, pois eu não
conheço.
O que há de vir na minha vida se eu sair do berço?
A valentia torna fraco, sobrenome anarco,
Amadurece um ideal na lentidão de um lago.
Caminho mal amado,
Não é fácil eu não sou um mago,
O tempo é quem é o culpado.

Não sei explicar, mas é assim, assim é uma
demência!
Tal como confrontar num palco o pastor e a
ciência.
Ciência que procura fatos, dados para a vida,
Se eu precisar de verdades,
Eu construo a minha.
Viajo até a lua.
A morte achou a vida.
Inteligência crua.



O onde de hoje

Por Maria Aparecida Webber

A gélida manhã se apresenta mais feroz observada do lado de dentro. Ritos diários feitos e a coragem quase falta para tocar com a força necessária o botão que abrirá as grades que me protegem (ou que os protegem de mim).

Olho no relógio para conciliar o passo no ritmo do atraso. Mais 120 segundos e o ponto se tornará local de espera por outros mais de mil ponteiros andantes.

Consigo entrar afinal. A catraca pesa, mas não aperta, tamanha é a quantidade de roupa que me envolve para tentar manter os 36 graus de vida.

Sento-me ao lado do retrato da perseverança. Pelas rugas mais de 60 aniversários; pelos olhos, muitas tristezas passadas nessa vida. No colo, provavelmente a responsabilidade da maternidade transferida por outra geração...

Ainda há um espaço vão que me permite ver a janela. Pressa, pressa. O ônibus corre, a cidade corre, os letreiros passam tão rápido que as palavras ficam pela metade.

Anúncio bonito, boa foto, preço justo, só que a pressa acabou levado a oportunidade de ver o onde. Não deve ser difícil descobrir depois. Afinal os ondes, dessa cidade, que tem pressa, mas que não tem assim tantos destinos, são os ondes de sempre, geralmente.

Três curvas mais e já avisto a parada que me cabe. O caminho não é tão longo. Duas rodas não motorizadas serviriam, não fosse o frio, o despreparo, e a pressa.

Apita o som do comando do freio. Me despeço dos colegas do trajeto e chego no onde de hoje.



Foto: Michele Dacas